

INTRODUÇÃO

Este projeto descreve e analisa o trabalho desenvolvido por, Irani Corrêa Pinto, artista e educadora, no período em que ministrou aulas de desenho e pintura em seu atelier. Atuou na cidade de Três Rios (RJ) por cerca de 30 anos e ministrou cursos em Areal (antigo distrito de Três Rios), Posse (distrito do município de Petrópolis), Sapucaia (RJ), em São José do Vale do Rio Preto (RJ) e em Juiz de Fora (MG).

Irani desenhava desde pequena e teve como primeira professora uma pintora Russa que se chamava Katarina Sresnevska Zelentzeff (1887-1976). Katarina residiu em Três Rios de 1945 a 1951 e ensinou pintura para Irani até quando se mudou para Juiz de Fora. Irani continuou pintando e passou a ensinar à algumas amigas, fazendo trabalhos de escola e pinturas para conhecidos.

Após seu casamento ela ficou afastada da pintura por uns tempos e só retornou quando já tinha seis filhos. Ela precisou trabalhar em casa para ajudar na manutenção da família e acabou praticamente criando uma escolinha de arte informal.

Como eu sou sua segunda filha e nasci em 1960, lembro-me que em torno dos sete anos desenhava todo dia e seguia o seu método de desenhar. Ela utilizava seus próprios desenhos com temas variados para os alunos exercitarem proporção e sombreado, assim como fotos e algumas revistas americanas muito utilizadas na época publicadas aqui pelo Walter Foster¹. Mas eu cresci ajudando minha mãe, participando da sua luta, conversando e ouvindo sua opinião e seus conceitos sobre arte. Particpei das dificuldades em conseguir material numa cidade do interior fluminense, a dificuldade em conseguir espaço para expor levando-a a optar por colocar seus quadros e de seus alunos, nas praças e em lojas, cedidas por amigos. Compartilhei de sua paixão pela arte que era suprida comprando livros daqueles vendidos porta a porta.

Comecei a analisar toda esta história ao ler o depoimento de Ana Mae Barbosa² em seus livros sobre o que ocorreu com o ensino de arte na década de

¹ **The Nude** by Fritz Willis – 96 Book - published by Walter T. Foster.

² Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, autora de vários livros sobre Arte-Educação, é mais conhecida no meio acadêmico como "Ana Mae", optou-se portanto, pela utilização do nome: Ana Mae no decorrer do trabalho. Nas Referências está citada normalmente como BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos.

1960, 70 e 80 e percebi que, de certa forma, todos fazemos parte desta história, e que a minha paixão pela arte está agora encontrando um novo eixo. Reporto-me também aqui a uma frase de Ana Mae que “*realça a importância do reconhecimento e orgulho do passado para a formação dos arte/educadores*”³ (p. 253, MAE, Ana, Ensino de arte, História e Memória, Ed. Perspectiva, SP, 2008).

A partir do breve relato colocado acima, este trabalho procura realizar um levantamento da história e do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido pela artista, descrever as atividades exercidas em seu atelier e a sua contribuição artística na região em que atuou no decorrer deste período.

A pesquisa pretende incentivar a preservação da memória cultural de Três Rios, através do resgate de imagens e relatos sobre a importância do ensino de arte, contribuir para ampliar os relatos sobre o ensino de arte no Brasil e incitar uma avaliação sobre o impacto do aprendizado de arte em pequenas cidades do interior como Três Rios.

Foi utilizada como metodologia a abordagem biográfico-narrativa, baseada em relato oral documentado em vídeo, entrevista por escrito, reprodução e transcrição de documentos, fotos de obras, materiais didáticos, depoimento recebido através de correio eletrônico, sites de internet, revista digital, etc. Tendo como referência histórica autores como Bento (1949), Mae (2008), Freire (1989), Costa (1940) e outros.

Nesta direção o primeiro capítulo aborda o momento histórico da cidade de Três Rios buscando comparar o processo do ensino desenvolvido por Irani com os estudos de Escolas de Arte que começaram a surgir em fins da década de 1960 e nas décadas de 1970 e 80. Salientando a sua abordagem em relação ao uso de imagens no trabalho criativo de seus alunos e a influência da leitura de livros de arte e gravuras que fundamentaram o seu ensino.

O segundo capítulo trata da sua história e procura mostrar como Irani superou obstáculos e dificuldades para colocar em prática suas atividades e desenvolver seu trabalho criativo.

O terceiro capítulo demonstra a sua participação na vida de alguns de seus ex-alunos e comprovam as manifestações de carinho e gratidão que Irani recebe deles e da comunidade que sempre apreciou seu trabalho.

³ MAE, Ana, Ensino de arte, Memória e História, Ed. Perspectiva, SP, pág. 253, 2008.

“A época da Escolinha de Arte
foi um período de Fé
na arte/educação”

Ensino de Arte, Memória e História
(ANA MAE, 2008)

1 PARALELO ENTRE O ENSINO DE ARTE EM TRÊS RIOS E O ENSINO DE ARTE NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 1960

Para que se possa fazer um paralelo entre o ensino de arte em Três Rios e o ensino de arte no Brasil a partir da década de 1960 através da artista e educadora Irani Corrêa Pinto, é necessário conhecer um pouco da sua realidade e sua atuação. Num período em que o ensino de arte, na maioria dos estados brasileiros, era realizado em escolas informais, a partir de ateliê, Irani trabalhava de maneira dinâmica na tentativa de fomentar e valorizar a arte em sua cidade e região.

Buscando um princípio histórico que permitirá analisar o movimento de escolinhas de arte no Brasil como um fenômeno educacional e sua relação com o início do ensino de arte nas escolas, torna-se imprescindível basear este estudo em Ana Mae já que, além de ser uma das pioneiras em arte-educação no Brasil, foi quem mais colaborou para o conhecimento da memória e da história do ensino de arte no Brasil.



01 - Vista do Mirante de Três Rios

Irani Correa Pinto nasceu em Três Rios em 1934, e na sua adolescência começou seus primeiros contatos com a arte, daí esta pesquisa reportar a meados da década de 1960, época em que começou a ensinar arte. Em se tratando de um estudo relacionado ao ensino em escolinhas de arte pode-se fazer uma comparação com o artigo de Ana Mae sobre *Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-*

modernismo, no qual percebe-se a importância dos ateliêes de arte e das escolinhas de arte no Brasil.

A partir de 1947, começaram a aparecer ateliêes para crianças em várias cidades do Brasil, em geral orientados por artistas que tinham como objetivo liberar a expressão da criança fazendo com que ela se manifestasse livremente sem interferência do adulto. [...] Destes ateliêes, os dirigidos por Guido Viaro (Curitiba) e por Lula Cardoso Aires (Recife), são exemplos significativos. O primeiro existe até hoje, mantido pela Prefeitura e até os inícios de 90, última vez que o visitei, fazia um ótimo trabalho. A escola de Lula Cardoso Ayres, criada em 1947, teve curta existência e sua proposta básica era dar lápis, papel e tinta à criança e deixar que ela se expressasse livremente. Seguindo o mesmo princípio, outro pernambucano, Augusto Rodrigues, criou em 1948 a Escolinha de Arte do Brasil que começou a funcionar nas dependências de uma biblioteca infantil no Rio de Janeiro. [...] A iniciativa de Augusto Rodrigues a qual estiveram ligados Alcides da Rocha Miranda e Clóvis Graciano logo recebeu a aprovação e o incentivo de educadores envolvidos no movimento de redemocratização da educação como Helena Antipoff e Anísio Teixeira que retornara da Amazônia onde se refugiara e chegara a conseguir ser um próspero empresário. Depois que iniciou seus cursos de formação de professores, a Escolinha de Arte do Brasil teve uma enorme influência multiplicadora. Professores, ex-alunos da Escolinha criaram Escolinhas de Arte por todo o Brasil, chegando a haver 32 Escolinhas no país. Usando principalmente argumentos psicológicos as Escolinhas começaram a tentar convencer a escola comum da necessidade de deixar a criança se expressar livremente usando lápis, pincel, tinta, argila etc. Naquele momento parecia um discurso de convencimento no vazio, uma vez que os programas editados pelas secretarias de educação e Ministério de Educação, deveriam ser seguidos pelas escolas e tolham a autonomia do professor⁴.

O artista/educador na primeira metade do século XX, tinha na liberdade de expressão e na utilização de métodos mais flexíveis o principal atrativo para os jovens e adolescentes da época. Procuravam ampliar o aprendizado de técnicas e procedimentos artísticos, mas, não é só a preocupação com a formação artística que iria direcionar os métodos de ensino das escolinhas de arte, também outros métodos que reúne “três elementos básicos: o psicológico, o sociológico e o elemento estético, nas suas mais variadas manifestações”.

Esses três elementos são assim trabalhados através das metodologias do ensino da arte: o elemento psicológico atende à individualidade, manifestando-se sempre pela diferenciação dos elementos compositivos e representativos do trabalho artístico; o

⁴ MAE, Ana, Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. Artigo Publicado na Revista Digital Arte&, n.0, pág.12, out 2003. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/artigos.htm>>.

sociológico permeia a configuração das especificidades que traduzem o contexto social. Quanto a conteúdos, trabalhavam-se cenários, entorno urbano, meio ambiente – todos os elementos que refletem determinada sociedade em determinada época -, a questão formal estava muito relacionada com a atualização da arte. Essa visão de mundo é obrigatoriamente contemporânea. Um artista atual não pode produzir uma visão de mundo ultrapassada, através de simbologia de outra época. Não estaria produzindo arte, mas repetindo fórmulas. A contemporaneidade se traduz pela busca de configurações, ideológica e esteticamente indicativas do seu tempo⁵.

Irani tinha esta visão contemporânea do mundo a partir da maneira como procurava trabalhar com a arte, transformando na maioria das vezes seus alunos em aprendizes amigos, desenvolvendo uma relação de confiança e de liberdade de ação. Ela cultivou saberes mais também cultivou sentimentos, estimulando em seus alunos a alegria e a valorização da vida.

1.1 A realidade de Três Rios em relação à produção e o ensino de arte

Três Rios é um município pequeno, localizado na Região Centro Sul no Estado do Rio de Janeiro. Seus municípios limítrofes são: Areal do Sul, Chiador (MG), Comendador Levy Gasparian, Paraíba do Sul, São José do Vale do Rio Preto e Sapucaia. Ocupa uma área de 324,496 km² e possui uma população de 72.848 hab. (cont. IBGE/ 2007). Encontramos algumas referências históricas no *site* de Três Rios:

Em seu território, o encontro dos rios Paraíba do Sul, Piabanha e Paraíba do Sul despoja-se como referência imediata desde o início do século XIX, quando uma concessão da coroa portuguesa ao fazendeiro Antonio Barroso Pereira, identifica a região como Entre-Rios. Nas terras que abrigavam cinco grandes fazendas de Barroso Pereira, já na condição de barão de Entre-Rios, em 1861, foi inaugurada a Rodovia União Indústria, que ligava Petrópolis (RJ) a Juiz de Fora (MG). Na mesma época, a construção da estação ferroviária local foi o estímulo necessário para que o pequeno povoado, formando as margens da rodovia, passasse a ser conhecido como Entre-Rios. A movimentação provocada pela rodovia e pela ferrovia, aliada ao aforamento de terras, contribuiu para o rápido progresso da região, que passou ao 2º distrito de Paraíba do Sul em 1890, sendo elevada à categoria de município emancipado em 1939. A denominação oficial de Três Rios veio quatro anos depois⁶.

⁵ MAE, Ana (org.) , Ensino de Arte, Memória e História, São Paulo: Perspectiva, pág. 284, 2008.

⁶ Disponível em: http://www.tresrios.rj.gov.br/v2007/n/tr_conheca.php>. Acesso 02 out. 2009.

Três Rios na década de 1960 era uma cidade pequena, com poucos anos de independência política administrativa (efetivada em 1939) e não possuía escolas de arte vinculadas à educação. Das instituições artísticas e culturais faziam parte o Grêmio Musical 1º de maio que preparava vários jovens e que teve como um dos seus fundadores o avô de Irani, Mario Batista, o Grupo de Amadores Teatrais Viriato Corrêa e a Academia Trirriense de Letras e Artes .



02 - Irani e suas irmãs na porta do “Foto José” que era de seu pai

1.2 Relações entre a obra de Jeanne Milde e Irani Corrêa Pinto

Jeanne Milde, foi uma escultora Belga que veio para o Brasil para participar do processo de renovação do ensino em Minas Gerais. Foi a primeira mulher escultora, com formação superior a atuar em Belo Horizonte.

Jeanne Milde uniu a arte aos trabalhos manuais, mas não tinha como objetivo a mera reprodução ou a mecanização das atividades, mas sim, tentava provocar em suas alunas o desenvolvimento da criatividade por meio de materiais alternativos. Neste aspecto percebe-se a similaridade de ações entre Milde e Irani nas atividades desenvolvidas com seus alunos. O que possibilitou reunir a experiência de uma mulher como Milde que tinha formação superior, mas que viu nas características de

materiais diferenciados, disponíveis na região em que estava trabalhando, a possibilidade de investigar novos usos para estes materiais.

Jeanne Milde introduziu na educação mineira uma arte erudita ao ensinar técnicas de escultura, pintura, desenho e outras; mas, também, desenvolveu uma arte mais aplicada, ao orientar as alunas na criação de objetos de uso cotidiano, inserindo na construção destes, materiais alternativos encontrados na própria região de Minas, que serviam tanto para as atividades de trabalhos manuais, quanto para as outras matérias de ensino. Por outro lado, estaria colocando em prática o princípio do movimento da reforma pedagógica, que era fazer o aluno aprender, e não ensinar. Essa era a condição do processo educativo da criatividade: “aprender descobrindo”. A escola deveria preparar o aluno para a vida prática (o fazer). Dessa forma, os conhecimentos não poderiam ser obtidos através do conhecimento abstrato, mas por meio das coisas que a realidade circundante poderia oferecer. Mas para que o aluno aprendesse era preciso passar pelo processo de experimentação das coisas, ou seja, o ideal era “aprender fazendo”. Segundo Milde: O importante na Escola Nova, é ensinar a criança a aprender, isto é, dar-lhe o caminho da experiência. A criança deve ser estimulada a pesquisar, de acordo com as suas possibilidades. Além disso, deve ser preparada psicologicamente para as lutas da vida, adquirindo na escola, noções de sociabilidade, num ambiente de amizade e cooperação com os outros coleguinhas {...}. O importante é orientar as crianças e não apenas repetir-lhes as lições, simplesmente.⁷



03 - Jeane Milde estava entre os participantes da Exposição de Arte Moderna do Bar Brasil, em 1936

⁷ Idem, p. 127-128, 2008.

Assim como Milde, Irani desenvolveu técnicas de arte aplicada, realizando trabalhos em madeira com pirógrafo, entalhe, e também materiais reciclados em várias peças artesanais. Sua participação na *Feira Nacional de Artesanato* realizada em Miguel Pereira⁸ (RJ), possibilitou a divulgação do seu trabalho artístico e artesanal que era então vendido para turistas de vários estados brasileiros.

1.3 Leitura de Imagens

Várias escolinhas de arte no Brasil estimulavam o contato com os artistas, relatando como eles produziam e divulgavam seus trabalhos. Isso era realizado sem a intenção de promover releituras, mas buscando fornecer aos alunos um motivo de inquietação, de mudança na sua maneira de olhar e representar o que vê e sente. Observar imagens, experimentar, decodificar, leva a um caminho que permite o desenvolvimento da criatividade sem os excessos que a *livre expressão* autorizou como forma de incentivo a criação infantil.



04 - Quadro executado por Irani, baseado em gravura antiga sobre a história da vacina

Irani utilizava imagens e gravuras para fornecer aos seus alunos a possibilidade de experimentação de técnicas e estilos diferentes, mas sempre ressaltava a importância da descoberta própria de cada um, a partir do momento em que conseguisse o domínio dos materiais e a segurança necessária para iniciar um trabalho independente e criativo.

⁸ Irani possui certificado de participação de 1976, 1994 e 1995, mas durante alguns anos dividiu o estande com sua filha Rose Mary e outros com a Vânia, que também produzia artesanato.

Em suas aulas sempre procurou estimular o desenho livre, falando para os alunos não se preocuparem com o conceito de beleza. Estimulava o aluno a experimentar novas opções, não ter medo de realizar algo diferente e principalmente não ser tão crítico consigo mesmo. A visão de Irani coincide com o que Lúcio Costa dizia em seu programa de reformulação do ensino do desenho:

[...] esses **novos** adolescentes, atormentados pelas críticas inoportunas e inábeis dos mais velhos, já perderam a confiança neles mesmos e naquele seu mundo imaginário onde tudo era possível e tinha explicação: sentem-se inseguros, acham os desenhos que fazem ridículos, tem medo de “errar”⁹.

Ana Mae fala da inabilidade de alguns em ensinar arte e da capacidade de leitura e produção de imagens como parte de um processo de conhecimento.

[...] Contudo, não é só incluindo arte no curriculum que a mágica de favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como construtor de sua própria nação acontece. Além de reservar um lugar para a arte no curriculum, o que está longe de ser realizado de fato, até mesmo pelos países desenvolvidos, é também necessário se preocupar como a arte é concebida e ensinada. Em minha experiência tenho visto as artes visuais sendo ensinadas principalmente como desenho geométrico, ainda seguindo a tradição positivista, ou a arte nas escolas sendo utilizada na comemoração de festas, na produção de presentes estereotipados para os dias das mães ou dos pais e, na melhor das hipóteses, apenas como livre expressão. A falta de preparação de pessoal para ensinar artes é um problema crucial, nos levando a confundir improvisação com criatividade. A anemia teórica domina a arte-educação que está fracassando na sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre artes visuais, organizado de forma a relacionar produção artística com apreciação estética e informação histórica, esta integração corresponde à epistemologia da arte. O conhecimento das artes tem lugar na interseção da experimentação, decodificação e informação. Nas artes visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas habilidades interrelacionadas¹⁰.

Várias escolinhas de arte atuaram no Brasil a partir da década de 1940 e segundo Ana Mae o ensino de arte só teve início nas escolas a partir de 1971, quando a educação artística se tornou disciplina obrigatória nos currículos de 1º e 2º graus. As escolas de arte atuaram neste período na formação de profissionais para

⁹ COSTA, Lúcio. O Ensino do desenho. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ip000001.pdf>. Consultado>. Acesso em 02 out. 2008.

¹⁰ Arte, Educação e Cultura - Ana Mae Barbosa. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=84578>. Acesso em 02 nov. 2009.

lecionar artes e daí em diante, várias reformas educacionais buscaram estruturar o ensino de Arte. Entretanto, somente no início da década de 1980 os professores de arte-educação começaram a se organizar visando fazer uma análise crítica sobre o ensino de arte no Brasil, assim como instituir alguns cursos de pós-graduação na área, com o objetivo de ampliar o número de profissionais/pesquisadores em Arte-educação.

Por outro lado, enquanto o ensino de arte estava sendo implementado nas Universidades, vários artistas trabalhavam em seus atelieres e participavam ativamente no incentivo ao aprendizado e ao desenvolvimento do “fazer” artístico¹¹. É exatamente neste contexto que se percebe o trabalho de Irani tendo como consequência a formação artística de vários jovens e adultos em sua cidade e região, e o mais importante meio de que se utilizou para a divulgação de seu trabalho foi a proximidade com o público através das exposições realizadas em praças e espaços públicos.

Como em Três Rios não há Museus, nem Galerias de Artes, Irani, buscou novas formas de mostrar seu trabalho e, de certa forma, foi quebrando a barreira que o preconceito originava em relação ao artista plástico que usualmente era considerado irreverente e irresponsável. Seu trabalho contínuo de divulgação da arte em Três Rios serviu para alicerçar o ensino de arte como uma forma de promover o ser humano e valorizar a cultura local.

1.4 A Importância do ato de ler

Na busca de subsídios para a orientação dessa pesquisa, foram encontradas nas referências bibliográficas das professoras Rosvita Kolb e Sonia Assis a indicação de dois livros de Paulo Freire: *A importância do ato de ler* e *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*.

O acerto da escolha se fez mais evidente a partir da citação que Ana Mae faz em seu livro indicando Noêmia e Paulo Freire como seus grandes incentivadores e orientadores¹².

Freire no seu livro, *A Importância do Ato de Ler*, além de relembrar seu processo de aprendizado através da leitura apaixonada e curiosa do mundo nos

¹¹ MAE, Ana, Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. Artigo Publicado na Revista Digital Arte&, n.0, pág.12, out 2003. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/artigos.htm>>

¹² MAE, Ana (org.) , Ensino de Arte, Memória e História, São Paulo: Perspectiva, p. 240, 2008.

instiga a aproximar a educação formal da informal quando fala das possibilidades de reunir histórias através de relatos orais, depoimentos gravados que poderiam gerar um conjunto de histórias da área ¹³. Ressalta-se que a intuição foi responsável pela busca destes livros, e, ao mergulhar na leitura, foram identificadas, em muitas falas de Freire, o mesmo entusiasmo pela leitura que sentia em Irani quando chegava com um livro novo e o apresentava aos filhos. Essa necessidade de relatar histórias e experiências é fundamentada pela valorização da nossa memória e o exemplo de Irani partiu desta vontade de contar histórias, como quando seus filhos eram pequenos e ela lia toda noite histórias e mais histórias como as do livro “Histórias que Jesus contou” e casos antigos que lhe foram contados por sua mãe e ela repassava aos filhos.

Mergulhando mais nas idéias de Freire no capítulo: “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”:

[...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. É preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo como a do crítico é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital. Neste sentido, indubitavelmente, é tão curioso o professor chamado leigo no interior de Pernambuco quanto o professor de Filosofia da Educação na Universidade A ou B. o de que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênuo, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] Por outro lado, que quanto mais me assumo como estou assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênuo para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também ¹⁴.

¹³ FREIRE, Paulo, A importância do ato de ler, Cortez Editora, 23 edição, pág. 20, 1989.

¹⁴ FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa, pág. 22, 1996.

A dedicação que Irani sempre teve com a leitura, fundamentou seu processo de conhecimento e, desde sua adolescência, este fato lhe possibilitou descobrir novos caminhos e sedimentar seus conhecimentos sobre história da arte. Irani construiu então, um caminho de aprendizado como autodidata, aprofundando-se na leitura de diversos autores e buscando enriquecer sua produção artística assim como expor aos alunos a produção de outros artistas. O aprendizado sobre a história da arte e também o aumento da auto-estima de seus alunos era efetivado através do seu incentivo constante visando o aprimoramento de suas habilidades e o desenvolvimento da criatividade.

Analisando a preocupação em pesquisar e buscar coisas novas e o fazer artístico de Irani Correa Pinto pode-se fazer um paralelo com o que Paulo Freire fala sobre o ato de ensinar: "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas"¹⁵. E também: "Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender"¹⁶.

O autor ainda acrescenta que,

Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexiste validade do ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode realmente ser aprendido pelo aprendiz. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade¹⁷.

Apesar de não ter uma escola formal Irani lecionou por várias décadas. Passou a confeccionar suas próprias telas e fornecer aos seus alunos na tentativa de facilitar a aquisição dos materiais necessários para pintura. Buscava autores

¹⁵ Idem, pág. 15, 1996.

¹⁶ Idem, pág. 25.

¹⁷ Idem, pág. 16.

diversos para subsidiar seu ensino e enriquecer seu acervo com imagens e gravuras. Irani desenvolveu sua própria leitura sobre a arte, sua própria leitura do mundo e citando Freire, percebemos a importância que o autor dá a leitura do mundo e a leitura da palavra.

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente¹⁸.

Não existe maior justificativa para fundamentar um trabalho do que possibilitar a percepção dos valores que se perdem no tempo quando não se valoriza a memória e a história do nosso país. Segundo Mae¹⁹, ainda temos vários temas a serem pesquisados e “está implícito um princípio histórico, do que também pode decorrer análises de outros núcleos do movimento de Escolinhas de Arte, a fim da montagem de uma ampla história deste fenômeno educacional”. Possuímos uma fonte riquíssima de conhecimento e experiências que estão se perdendo e esta é mais uma tentativa de reconstruir uma parte desta colcha de retalhos a qual faz parte a História da Arte Brasileira.

¹⁸ FREIRE, Paulo, A Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam, pág. 13, 1989.

¹⁹ *apud* CARVALHO, 2008, p. 272.

“Há uma distância muito grande entre a imagem e o próprio fazer e a gente avalia o fazer depois de ter realizado um fato físico [...] no cotidiano você também está avaliando o tempo todo... tudo isto faz parte de um conjunto que vai tornar expressivo.” [...]

“Eu acho que a gente não olha só com os olhos, a gente olha com o ser todo [...] a beleza e a visão tudo isto são coisas onde a pessoa responde com todo o seu ser intelectual, mas também sensível e sensual.”

Fayga Ostrower
(JANELA da Alma - trechos de
seu depoimento no filme)

2 RESUMO BIOGRÁFICO DE IRANI CORRÊA PINTO

Irani Corrêa Pinto, nasceu em 16 de novembro 1934, filha de Manoela Batista Nunes e José Correa Nunes. Começou a pintar por volta dos 12 anos e costumava juntar os trocados que ganhava para comprar balas e ia para a papelaria de Dona Violeta Silveira para comprar tintas para pintar. Como sua família era muito grande, tinha 11 irmãos, sempre foi difícil adquirir os materiais de que precisava e quando Katarina Sresnevskaja Zelentzeff mudou-se para Três Rios, Irani começou a fazer aulas de pintura com ela.



05 - Irani quando criança

Katarina Sresnevskaja Zelentzeff²⁰, cursou a Escola Imperial de Belas Artes na Rússia, onde estudou com Nicholas Roerich²¹ e Anatole Kalgozodoff²², completando o curso num trabalho conjunto de grande importância que foi o “retrato da alma”. Em

²⁰ AMARAL, Lucas Marques do, A Parreiras e seus artistas: crônica da Sociedade Belas Artes Antônio Parreiras e Dicionário Biográfico de alguns de seus artistas, FUNALFA Edições, p. 121-122, 2004. O escritor era amigo pessoal de Katarina e seu aluno de pintura. Em 1976, aos 88 anos, ela “partiu” em seus braços.

²¹ Disponível em: <<http://www.funalfa.pjf.mg.gov.br/jfartes/jfartes.php?tipo=1&idartistax=19>> Nicolas Roerich encontra-se também com a grafia Nikolai Konstantinovich Rerich ou Nicholas Roerich.

²² Disponível em <<http://www.hampel-auctions.com/en/archive-artists/k/2270.html>>, grafia Anatol Kaigorodoff (1878-?), St. Petersburg, Rússia.

Três Rios, Dona Katarina (como a chamavam) morou numa casa ampla com muitas mangueiras, em frente onde hoje é o SESC, e manteve um atelier de 1945 a 1951 quando retornou para Juiz de Fora onde viveu até sua morte em 1976.

Quando Irani começou a estudar pintura, Dona Katarina lhe falou: “você gosta de cores quentes igual a mim”. Foi ela quem lhe ensinou a preparar as telas para pintar e mostrava como aproveitar ao máximo os tubos de tintas, contando como durante o período da guerra, na Rússia, era difícil conseguir material e os tubos eram abertos e totalmente limpos para serem vendidos e reaproveitados pela indústria.

Irani tinha cinco irmãs, sempre foi alegre e gostava de dançar e até participou de muitos bailes no CAER (Clube Atlético Entre Rios) e se apresentava dançando para ajudar a angariar dinheiro para as reformas do clube. Salienta-se o trabalho que Irani executou na Foto José, de propriedade de seu pai, de revelação de fotografia durante vários anos, com quem aprendeu também a fazer retoques e colorização de fotos. Várias gravuras que Irani utilizou em suas aulas foram presentes de seu pai, José Corrêa Nunes, que sabia do seu interesse por arte e a ajudava a aumentar o seu acervo de imagens.



06 - Irani e seu marido, Júlio Corrêa Pinto

Irani começou a lecionar pintura aos 20 anos de idade. Casou-se em 1959 com o comerciante Júlio Corrêa Pinto e, em função do casamento, o casal parou de estudar no Colégio Ruy Barbosa e só pode retornar aos estudos anos mais tarde. Irani e Julio tiveram seis filhos de 1959 a 1967, Tânia, Rose Mary, Vânia, Jacqueline, Júlio César e Jorge José. Ficou afastada das aulas de pintura por uma longa

temporada e incentivada por sua amiga Dona Déia Louro voltou a dar aulas particulares.

2.1 A experiência como educadora a partir da década de 60

Irani começou a dar aulas inicialmente para os sobrinhos de D. Déia Louro, (esposa do ex-prefeito da cidade Cesar Pereira Louro - 1959 a 1963), e depois foi gradualmente aumentando o número de alunos. Passou a dar aulas na casa em que morava na Travessa Santa Filomena, Bairro Portão Vermelho, em Três Rios para crianças, adolescentes e adultos.



07 - Irani, Júlio e seus filhos quando pequenos em 1967



08 - Irani, Júlio e seus filhos em 1969, na residência da Travessa Santa Filomena

Na década de 1970, Irani retornou aos estudos, completando a oitava série. Mudou-se em 1974 para uma casa na Rua Barão do Rio Branco aonde ampliou muito seu número de alunos. Como necessitava de material para seus alunos de pintura ela começou confeccionar os chassis das telas depois passou a encomendar de um marceneiro as ripas com um chanfro que o seu marido Júlio, montava e na qual ela esticava o tecido e dava o acabamento final. Utilizava o tecido tipo *Americano* e preparava uma mistura de cola de madeira com tinta PVA que aplicava em várias demãos até obter uma tela firme e bem esticada para as suas pinturas.

Júlio, seu marido, apesar de não participar das exposições ou do aspecto mais social da arte, sempre ajudou na confecção de telas e na compra de materiais necessários para o seu trabalho. Dirigia muitas vezes até os locais em que ela ensinava e muitas vezes, aguardava a aula terminar, ouvindo música clássica no rádio da sua Variant.



09 - Em 1974 na casa à Rua Barão do Rio Branco, aniversário de 15 anos de sua filha primogênita, Tânia.

Em 1976 mudou-se para um apartamento no Conjunto Residencial que todos chamavam de *BNH do América* (antiga sede de um clube de futebol). Passou a dar aulas na sala e abriu uma parede que dava para um dos quartos para ampliar seu espaço de trabalho, seus dois meninos dormiam nesta saleta e num dos quartos ficava o casal e no outro ficavam suas quatro filhas. Foi um período de mudanças e eles adquiriram uma papelaria – Arco Íris - o que facilitou mais a aquisição de materiais diversos para desenho e pintura e ajudou a manter o custeio dos estudos de seus seis filhos no Colégio Ruy Barbosa. Iniciou em 1976, seu curso em Sapucaia²³ no Colégio Gov. Roberto Silveira e neste mesmo ano realizou uma exposição com seus alunos. Posteriormente passou a dar aulas na residência de Marinez Dutra que morava ao lado do Colégio. Durante este ano também participou da feira dominical de artesanato na Praça São Sebastião vendendo pinturas e artesanatos (entalhes e pirogravuras)²⁴.

²³ Sapucaia é um município do estado do Rio de Janeiro. Faz divisa com os municípios de Além Paraíba (MG), Carmo (RJ), Chiador (MG), São José do Vale do Rio Preto, Sumidouro e Três Rios (RJ). A população recenseada em 2008 foi de 17.352 habitantes. Ocupa uma área de 540,35 km².

²⁴ Veja documento no anexo 1, p. 61.



10 - Exposição com alunos no Colégio Governador Roberto Silveira, Sapucaia - RJ (1976).
Na foto a amiga e aluna, Lucia Helena dos Prazeres (Três Rios).

Em 1977 buscou aprofundar-se no estudo da arte participando da Sociedade Brasileira de Belas Artes na Rua do Lavradio, 84, no Rio de Janeiro o que lhe permitiu o aprimoramento em algumas técnicas de pintura e também lhe rendeu elogios da professora Italiana Finalti que, afirmou para suas alunas ser Irani “uma artista que já estava pronta”²⁵. Em seu acervo Irani possui uma das pinturas que executou durante este período:



11 - Quadro realizado durante o curso na Sociedade Brasileira de Belas Artes (Rio de Janeiro)

²⁵ Comentário de Irani em julho de 2009 durante entrevista (ver recibo da Sociedade Brasileira de Belas Artes no anexo 2, p. 62).

Em 1977, Irani começou a dar aulas em São José do Vale do Rio Preto - RJ (na época era distrito de Petrópolis), situado na Região Serrana Fluminense²⁶. Irani e Júlio saíam de Três Rios cedinho, algumas vezes de ônibus, outras numa antiga Variant, levando suas próprias telas e vários materiais como, tintas e pincéis, para vender para seus alunos, pois em São José estes materiais de pintura não eram encontrados. Normalmente estas aulas eram aos sábados e ela tinha como auxiliares suas filhas, Tânia e Rose Mary que ajudavam na distribuição dos materiais e nas orientações passadas para alguns alunos.



12 - Irani e seus alunos na Escola Municipal Santa Isabel na localidade de Jaguara em São José do Vale do Rio Preto (1978). No alto a direita, a diretora Nair Eblen Antunes e Irani.

Começou também neste mesmo ano a realizar trabalhos na procissão de Corpus Christi confeccionando quadros com pó de mármore tingido. Durante vários anos os trabalhos de Irani chamaram a atenção nas ruas da cidade e seus alunos e filhas ajudavam nesta tarefa. Em 1978, Rose Mary iniciou o curso de Desenho e Artes Plásticas na UFJF e, pouco depois, começou a ajudar na divulgação de seu trabalho, pois começaram a expor juntas em Três Rios e Juiz de Fora.

²⁶ São José do Vale do Rio Preto - Encontra-se na região serrana do Estado do Rio de Janeiro e faz divisa com os municípios de Petrópolis, Sapucaia, Sumidouro, Teresópolis e Três Rios. Possui aproximadamente 269 km² de extensão territorial. A população do Município, segundo o Censo Demográfico de 2006 do IBGE, é de 21.375 habitantes. É o maior produtor hortifrutigranjeiro do Estado do Rio de Janeiro.



13 - Detalhes da decoração de Corpus Christi realizada por Irani (1994)

Durante o início da década de 1980 começou a dar aulas em Areal²⁷ e Posse (distrito de Petrópolis) acompanhada de suas filhas Tânia, Jacqueline e Vânia que se revezavam. As aulas aconteciam na casa de amigas de Irani em Areal e na estrada da Posse (à caminho de São José) na residência de Emília Bagio²⁸. Em Posse, Irani fez um painel ao fundo do altar universal no prédio da comunidade da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal (1983) e um retrato de Nicolas Camille Flammarion (1984)²⁹.

Deu aulas no SESC - Três Rios, substituindo uma professora que estava de licença na época, e ao fim deste período realizou uma exposição com os alunos na sede do SESC.

Irani lecionou ininterruptamente até fins de 1980 quando esteve afastada durante alguns anos sem lecionar, devido a um tratamento contra alergia, mas não deixou de pintar porque dizia ser impossível parar totalmente. No início da década de 1990, Irani aposentou-se como artesã, já que não havia a regulamentação da profissão de artista plástica no INPS (Instituto Nacional de Previdência Social).

²⁷ Areal - Emancipado de Três Rios em 1993, encontra-se na região centro fluminense e faz divisa com Paraíba do Sul, Petrópolis e Três Rios. Possui aproximadamente 110,5 Km² de extensão territorial. A população do Município é de 11.797 habitantes.

²⁸ Emília de Oliveira Rodrigues Bagio, residente na Estrada Silveira Mota - Posse – Petrópolis (RJ).

²⁹ Veja foto e documento nos anexos 3 e 4, páginas 63 e 64 respectivamente.

2.1.1 Irani em Juiz de Fora

Em 1991 volta a expor e realiza uma mostra denominada “Família Corrêa Pinto” com seus seis filhos no espaço cultural BANESPA, **esta exposição foi organizada por** sua filha Rose e foi exposta também no Realce Arte Bar (que funcionava na Rua Braz Bernardino) em Juiz de Fora. A partir daí teve início um período em que Irani participou de várias exposições e eventos artísticos promovidos pela FUNALFA em Juiz de Fora.



14 - Foto do convite da exposição “Família Corrêa Pinto realizada no BANESPA em 1991.
Da esq. para a direita: Jacqueline, Jorge José, Irani, Rose Mary e Julio César.
Sentados: Tânia e Vânia.

Em 1992 Irani deu aulas de desenho e pintura no ateliê de Artes Plásticas no CCBM (Centro Cultural Bernardo Mascarenhas) situado na Avenida Getulio Vargas, em Juiz de Fora. Realizou mais duas exposições no CCBM neste mesmo ano: a primeira com sua filha Rose Valverde no período de julho a agosto e a Exposição "Três Gerações" com Rose Valverde e sua neta Alline Valverde (então com nove anos) de 10 a 28 de dezembro no Salão Inferior Norte do CCBM.

De 1994 a 1998, Irani expôs em Miguel Pereira e em Três Rios por várias ocasiões. No mesmo período montou um atelier à Rua Tupinambás, no Bairro Monte Castelo, em Três Rios³⁰.

A partir de 2000 transferiu seu atelier para a Av. Dr. Vasconcellos, 203 no Centro da cidade aonde mantinha uma exposição permanente com suas obras.

Em 06 de março de 1999 recebeu o certificado "Viriato Corrêa" do Grupo de Amadores Teatrais Viriato Corrêa pelo seu trabalho na área de Artes Plásticas em Três Rios.



15 - Certificado "Viriato Corrêa, recebido por Irani em 1999

Em setembro de 2000 Irani inaugurou a exposição Magia Cigana realizada no Salão de Festas de sua filha Tânia, tendo como organizadora do evento sua outra filha, Rose Valverde. A mostra contou com 42 quadros cujo tema era a vida dos ciganos, recriando seus costumes, sua dança, e sua paixão pela liberdade.

³⁰ Ver Biografia no Anexo 7, pág. 67.



16 - O Vereador Amauri Rodrigues e Irani no vernissage da exposição “Magia Cigana” em Três Rios

Recebeu ainda neste ano, através do Sr. Vereador Modesto José de Freitas, a Moção de aplausos da Câmara Municipal de Três Rios pela realização de sua exposição *Magia Cigana* e pela “dedicação e competência artística e sua busca pelo aprimoramento da cultura em sua cidade”³¹.

Em 2003, Rose organizou no Clube Bom Pastor em Juiz de Fora a exposição *Magia Cigana* reunindo 24 obras de Irani (parte das obras da mostra anterior exposta em Três Rios), 11 obras de Rose Valverde e 06 obras de Jorge Corrêa Pinto. O vernissage da exposição contou com uma apresentação de um grupo de dança do Centro de Cultura Cigana de Juiz de Fora e foi documentada pelo colunista José Luiz Magrão no programa Fatos em Foco, exibido pela TV Alterosa.

³¹ Veja documento da Moção de Aplausos no Anexo 6, pág. 66.



17 - Momento da entrevista concedida para o programa Fatos em Foco.

A partir de então Irani tem realizado suas obras no ateliê, em sua residência, num sítio na Estrada Bela Vista. Executa quadros feitos por encomenda, não tendo realizado desde então exposições de seus quadros em galerias.

2.2 Suas referências teóricas e imagéticas

Irani contou que sempre gostou de ler e citou alguns exemplos, como a coleção dos livros de Humberto de Campos, que eram do Dr. Rubens, um amigo da família.

Seu futuro cunhado, David, que veio a casar-se com Iraid, lhe deu de presente o livro *MANET NO BRASIL: estudo comemorativo da passagem do centenário da visita do pintor ao Rio de Janeiro* e lhe endereçou a seguinte dedicatória transcrita do livro³².

[Irany, fiquei satisfeitíssimo de ver que você está se esforçando seriamente no sentido de ser uma moça culta e instruída, além de artista inata que é... Estou certo que você será sempre para seus irmãos menores o exemplo de aplicação e dedicação ao saber. Muito me alegra que você esteja adquirindo esta cultura e instrução num colégio evangélico de orientação sadia e cristã. Certo estou que esta biografia de Manet concorrerá para aumentar o subsídio de seus conhecimentos na arte para a qual nasceu você³³.

³² Ver imagem escaneada no Anexo 3, pág. 63.

³³ David Genuncio – ex-professor de química da ETPC (Escola Técnica Pandiá Calógeras), Volta Redonda - RJ.

De fato, o colégio em que Irani estudava era de orientação Evangélica, mas Irani posteriormente optou pela Doutrina Espírita e instruiu seus filhos de acordo com o Evangelho Espírita. Conforme citei anteriormente, ela lia para seus filhos parábolas e histórias espíritas³⁴. Um interessante relato de Irani foi a história de um casal de namorados que adoravam as revistas *Reader's Digest* e quando se casaram, por possuírem duas coleções, doaram uma delas para ela. E como ela conta, leu todas as revistas em pouco tempo.

Irani comprava muitos livros que na época eram vendidos de porta em porta e se tornou compradora assídua de livros de arte, muitas vezes encomendava livros específicos como uma coleção de livros que ensinava técnicas de Artesanato, a coleção *Os bichos* e outros livros de técnicas de pintura³⁵.

2.3 Materiais e técnicas utilizadas em suas aulas

Num questionário apresentado a Irani³⁶ ela descreve suas atividades em sala de aula. Em conversa em Juiz de Fora, conta que aprendeu a preparar suas telas com Katarina e que inicialmente aplicava uma mistura de óleo de linhaça com gelatina derretida e tinta branca (a base d'água) sobre o tecido e a esticava em estruturas de madeira. Depois de várias experimentações começou a usar a tinta Coralmur com cola de madeira derretida em banho-maria³⁷.

2.4 Descrição de outras atividades artísticas

Artes aplicadas

Irani confeccionava peças de artesanato como: vasos feito em papelão, revestido com cereais (arroz e macarrão) e pintado com tinta spray, e objetos reciclados e reaproveitados que se transformavam em mini-quadros e enfeites. Fazia tamancos e sandálias. Pintava jaquetas Jeans e camisetas (com ilustrações de capas de CD, paisagens, flores, animais). Trabalhava com Pirográfo³⁸, fazendo pinturas em madeira mesclando a técnica de pirogravura com pintura.

³⁴ Conforme citado no capítulo 1, pág. 21.

³⁵ Materiais Didáticos utilizados nas aulas por Irani. Anexo 8, pág. 70.

³⁶ Relato com questões enviadas por email e respondido por Irani (manuscrito), ver anexo 9, pág. 72.

³⁷ Relato fornecido dia 25 de outubro de 2009, quando estive em visita a Juiz de Fora.

³⁸ Equipamento elétrico que possui um pequeno bastão com ponteiros de metal de vários tamanhos e formatos, utilizado para pirogravuras em couro, cortiça, madeira e veludo.

Com seus setenta e cinco anos, Irani continua a realizar trabalhos nos quais mescla o artesanato e a pintura e faz desta atividade uma distração e é como ela mesma diz, “uma forma de passar o tempo”. A atividade artística é sua fonte de energia e no seu dia-a-dia em seu sítio trabalha durante horas “curtindo” o ato de pintar.



18 - Irani trabalhando em seu atelier no sítio.

Artesanato confeccionado por Irani em seu atelier



19



20



21



22



23



24



25



26



27



28

2.5 Impressões sobre a Arte

Em julho de 2009 realizei uma gravação em vídeo com Irani executando uma pintura de flores. Enquanto pintava, relembra fatos de sua adolescência, as dificuldades para conseguir material de pintura, quando conheceu Dona Katarina e outros acontecimentos de sua vida³⁹. Em menos de meia hora Irani deslizando o pincel sobre a tela criou um pequeno quadro de flores, que como ela mesma diz, é sua paixão.



29 – Irani pintando em seu atelier

³⁹ Vídeo Iraniarts 2009, postado por Rose Valverde no Youtube, Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=-Q87sW2rLzg>>.



30



31

Extrai desse vídeo alguns comentários que salienta a sua paixão pela pintura e a sua admiração pela Dona Katarina, como quando ela diz: [...]Em tudo que eu pudesse eu pintava [...]. Sobre a profa Katarina S. Zetentzeff: “[...] ela me ensinou muita coisa de arte, que eu trago comigo.” E ainda sobre arte: “Arte não tem mistério não... Não gosto de cópia...”⁴⁰. “A minha arte veio através do olhar e, nossa maior mestra é a natureza”⁴¹.

Irani possui um perfil no Orkut – *Irani Arts* - para manter contato com familiares, amigos, ex-alunos e clientes. Mantém também um arquivo com seu currículo e algumas de suas obras no blog: <<http://iraniarts.blogspot.com>>.

⁴⁰ Trecho do depoimento, Vídeo Iraniarts 2009, postado por Rose Valverde no Youtube, Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-Q87sW2rLzg>>.

⁴¹ Depoimento fornecido por telefone em 18/10/2009.

“O escasso valor que se vinha dando à Arte na Educação afastou o artista das salas de aula. Trazê-lo para dentro da escola é vencer o preconceito contra a Arte”.

Teoria e prática da educação artística
(ANA MAE BARBOSA, 1975)

3 RESULTADOS OBTIDOS NO ENSINO DE ARTE POR IRANI C. PINTO

Além de ensinar no seu ateliê em Três Rios, Irani também deu aulas nas cidades de Sapucaia e São José do Vale do Rio Preto, nos distritos de Areal (ex-distrito de Três Rios) e Posse (distrito de Petrópolis) e, ainda por um pequeno período em Juiz de Fora. Em Três Rios além das aulas que ministrou em vários locais, Irani também realizava freqüentes exposições com seus alunos em praças e locais públicos, participou de feiras de artesanato e eventos artísticos procurando sempre levar a arte à comunidade.

Neste levantamento conseguiu-se reunir cerca de 200 fichas de ex-alunos⁴² (parte do seu arquivo particular) que freqüentavam as aulas de desenho, pintura e pintura em tecido. Reuniu-se também alguns depoimentos para ampliar as informações sobre o ensino de arte em Três Rios e as conseqüências do trabalho que Irani desenvolveu por mais de trinta anos como arte-educadora.

Em 2009, Irani recebeu de seu neto Yuri⁴³ um presente especial, a montagem de seu *blog* e seu endereço no *ORKUT*, com o objetivo de divulgar seu trabalho, mostrar o seu acervo e efetuar contatos com ex-alunos e amigos. Através deste meio conseguiu-se o depoimento da ex-aluna, Telma Cardoso Sabione Milagres, que estudou com ela na década de 1970:

Você faz parte da minha história e agradeço sempre a Deus por isso!!! Portanto, esquecer-la se torna impossível. Você sempre foi minha referencia de vida. Até hoje, quando me vejo em apuros por qualquer situação, penso: o que a Irani faria se estivesse no meu lugar? Imediatamente minha mente clareia e surge a solução do problema... Desculpe-me, mas, embora você não saiba, desfruto de todos os seus poderes sensitivos até hoje. Você me ensinou a usá-los e fui boa aluna... Tenho certeza que você está bem, pois pessoas como você, mesmo que enfrente, eventualmente, alguma adversidade, recebe-a como presente de Deus e usa-a para crescimento, por isso, não cabe a pergunta (Como você está, espero que bem) Tenho certeza que está bem e ponto final. Quando ao chapeuzinho de angu, jamais esquecerei, pois aquela foi a melhor época da minha vida... Minha filha já é Médica na área de Onco-Hematologia, ou seja, doenças e canceres de sangue, transplante de medula óssea, etc... Atualmente trabalha no HU - Hospital Universitário de Juiz de Fora, Hospital Santa Teresa em Petrópolis e Hospital Alcides Carneiro em Petrópolis. Obrigada por isso também, pois para educá-la, tomei como referencia a forma como você

⁴² Veja listagem dos alunos no Anexo 10, página 76.

⁴³ Yuri é filho de Vânia Corrêa Pinto Soares e Oswaldo Coutinho Soares.

educava seus filhos, carinho, muito diálogo, limites, incentivo, coragem e acima de tudo muito amor... Através da Fernanda tomei conhecimento do falecimento da Irene. Fiquei muito mal por vários dias. Não sei lidar direito com isso ainda não [...].

Em 2007, Irani reencontrou seu ex-aluno Joel da Silva Melo⁴⁴ que lhe endereçou o seguinte depoimento:

Parece que o tempo não passou para você. És feito as grandes obras, quanto mais o tempo passa tão bom de se rever...

Joel Melo

.....
Minha mestra de arte Irani

Difícilmente te ver, és feito grandes obras, tens o momento certo para acontecer... Um amigo da Arte, hoje formado em Artes Plásticas, que sempre te admirei como a grande mestra que foi para mim...

Um ex-aluno de pintura

Joel Melo

10-07-07

3.1 Promovendo encontros com ex-alunos

Na tentativa de reunir mais informações sobre seu trabalho promoveu-se alguns encontros entre Irani e alguns ex-alunos que ocorreram no início de Janeiro de 2010.

O primeiro encontro aconteceu com o ex-aluno Jorge Luiz Conde das Neves, atualmente Cirurgião Dentista com consultório na Rua Dr. Walmir Peçanha, 64 (2º andar) em Três Rios. Jorge foi um dos primeiros alunos de Irani, começou a estudar ainda adolescente e em meio há muita emoção e risos, lembrou das “artes” que fazia durante as aulas e contou, sobre os quadros que fez neste período e que ainda possui em sua casa.

⁴⁴ Joel da Silva Melo estudou pintura com Irani no ano de 1981, quando ela residia na Rua 7 de Setembro, próximo ao Colégio Walter Francklin. Formou-se em Artes na Universo - Niterói. Atualmente ensina atividades artísticas para idosos numa Instituição de Três Rios. Veja Anexo 14, pág. 86.



32 - Irani e seu ex-aluno Jorge Luiz Conde das Neves

Jorge lembrou que seu amigo Ronaldo, o “Pulginha”, estudou também na mesma época e que ele chegou a iniciar seu curso na UFJF em Artes, mas não concluiu. Pintou durante muitos anos e hoje com problemas de saúde parou suas atividades artísticas.

No mesmo prédio, situado à Rua Dr. Walmir Peçanha, aconteceu o segundo encontro, agora com sua ex-aluna, Rosangela Vale de Miranda, que iniciou seus estudos quando Irani ainda morava no BNH do América. Rosangela tornou-se sua amiga e colaborou muito com Irani nas exposições realizadas em Três Rios, Sapucaia e Miguel Pereira. Durante vários anos ajudou no transporte das obras de Irani e de seus alunos para as praças e locais de exposição variados, pois dirigia muito bem e valorizava a iniciativa de Irani de aproximar a arte da comunidade, divulgando e vendendo as obras que produziam.

Rosangela atualmente é advogada, mas guarda ainda diversos trabalhos realizados durante este período que como ela diz: “deixou boas lembranças”.



33 - Irani e sua ex-aluna Rosangela Vale de Miranda

Na tarde do dia 08 de janeiro de 2009, realizamos outro encontro importante com a ex-aluna Aparecida de Souza de Oliveira⁴⁵, residente na Rua São José, 1938 (atrás da UPA). Conforme relatou Dona Aparecida⁴⁶, seu encontro com a arte foi “um presente de Deus”.

Aparecida participou de várias exposições em Três Rios e Petrópolis, mudou-se para Rondônia onde continuou atuando como artista e realizou várias exposições, confeccionou obras sobre locais e fatos históricos da cidade, pintou grandes murais encomendados por Órgãos Públicos de Rondônia. Recebeu prêmio de 2º lugar no Concurso Listel / Teleron, tendo seu trabalho publicado na capa da lista telefônica de 1998 (foto 35 e 36). Possui três obras no acervo da Fundação Cultural de Rondônia aonde retratou a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, galpões antigos e a Fauna da região. Atualmente mora em Três Rios e possui em seu acervo mais de trinta obras além das pinturas murais que ela executou em sua residência.

⁴⁵ Aparecida de Souza de Oliveira reside na Rua São José, 1938 (atrás da UPA) - Três Rios (RJ).

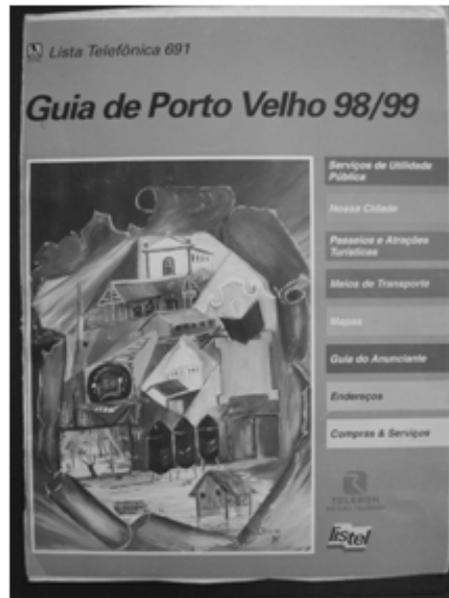
⁴⁶ Veja mais trechos de seu depoimento em vídeo, transcrito no Anexo 11, pág. 80.



34 - Irani observando o painel realizado por Aparecida de Souza de Oliveira



35 - Aparecida com a obra premiada pela Listel/Teleron



36 – Capa do Guia de Porto Velho com a obra de Aparecida

3.2 Visita a São José do Vale do Rio Preto

Em 09 de janeiro, eu, Irani, Jacqueline (sua quarta filha) e seu filho Daniel, em uma rápida visita a São Jose do Vale do Rio Preto, conseguimos rever vários locais aonde Irani lecionou. Passamos primeiro na Escola Municipal Santa Isabel (localidade de Jaguará) que na época era dirigida por Nair Eblen Antunes (já falecida) e foi aonde começou seu curso de desenho e pintura que possibilitou durante anos a realização do encontro desses alunos com a arte.



37 - Escola Municipal Santa Isabel na localidade de Jaguará

O segundo local visitado foi a sede da Paróquia da Igreja Matriz de São José localizada na Praça Domingos Scali, aonde Irani também lecionou no período de 1977 até meados da década de 1980, mantendo uma média de 14 alunos em cada aula⁴⁷.



38 - Paróquia da Igreja de São José aonde Irani lecionou após 1977 até meados de 80.

O prédio da Paróquia da Igreja Matriz de São José situa-se no centro de São José do Vale do Rio Preto, e neste local Irani, conheceu uma das alunas que a acompanhou durante praticamente todo este período: Nazir Pacheco Furtado, que colaborou conosco fornecendo nomes e apresentando alguns quadros existentes no Hotel Fazenda Valverde, de sua propriedade.

Estudaram também no mesmo período que Nazir, sua irmã adotiva, Maria Angela, sua filha Elizabete Furtado Cardoso e Maria Luisa Faraco (esposa do prefeito Adilson Faraco Brugger de Oliveira, reeleito na atual gestão, 2008-2012) e a filha de Maria Luisa.

De todos os alunos que estudaram em São José somente Rita Pacheco continuou trabalhando com arte e dá aulas também. Infelizmente, não conseguimos nos encontrar com Rita nesta ocasião, mas soubemos pela Nazir, que ela dá aula de pintura e desenho para vários alunos na sua residência em São José.

⁴⁷ Veja listagem de alunos fornecida por Nazir Furtado, no Anexo 12, pág.81.



39 - Irani e Nazir na frente do Hotel Fazenda Valverde



40 – Navio – Óleo sobre tela de Nazir pintado durante o curso (sem data)

Chegamos então à Fazenda Valverde e, nesta fazenda que data da época do Império, encontrei além de um extenso acervo de móveis e objetos antigos,

expostas em suas paredes algumas obras da Nazir, da Elizabete (sua filha)⁴⁸ e da Magna (sua Nora)⁴⁹, realizados no período em que estudaram Pintura com Irani.



41 - Cristo – óleo sobre tela de Nazir (sem data)



42 - Quadro "Preto Velho" de Elizabete Furtado Cardoso – óleo sobre tela – 60x80 (1978)

⁴⁸ Quadros pintados por Elizabete figuras 42, 43 e 44.

⁴⁹ Quadro pintado por Magna, figura 45.



43 - Quadro "Cristo, Maria e José" de Elizabete - óleo sobre tela - 80x100 (1984)



44 - Quadro "Paisagem" de Elizabete – óleo sobre tela - 80x120 (11/03/1978)



45 - Quadro "Casario" de Magna – óleo sobre tela – 30x60 (02/04/1980)

Segundo o relato de Irani, ela possuía uma sala imensa cheia de quadros que produziu durante o tempo em que ela lecionava em São José. Nazir informou que nestes anos presenteou várias pessoas com seus quadros, mas ainda mantêm muitos no próprio casarão do Hotel. Aprender a criar, desenvolveu em Nazir uma energia dinâmica e produtiva que mobiliza suas ações e, a sua gratidão por Irani, pelo que observei, se deve ao fato de que ela abriu as portas para este aprendizado.

Foi um encontro emocionante o que presenciei, pois pude rever esta mulher pequena na estatura, mas grande nos ideais e na força ao dirigir o Hotel Fazenda Valverde com tanta dedicação e cuidado procurando preservar seus objetos artísticos e peças da época da escravidão e fins do Império.

3.3 Depoimento de Valéria - ex-aluna do SESC / TR

Em 2006 fui convidada para fazer parte do grupo focal da Prof.a Valéria que estava finalizando sua tese de mestrado sobre: “Concepções e práticas de professores de artes visuais” pela Faculdade de Educação – UFJF⁵⁰. Na época conversamos muito sobre o ensino de Arte, mas eu nem sabia de onde ela era.

Coincidência ou não, o depoimento de Valéria Maia Soares Bittar, surgiu de uma maneira imprevisível. Há pouco tempo quando trocamos alguns emails na tentativa de programar nossa participação no Congresso Latinoamericano e Caribenho de Arte Educadores em BH, comentei que estava fazendo o trabalho final da minha pós-graduação, sobre minha mãe, que morava em Três Rios. Depois de várias trocas de emails vimos que ela foi aluna de Irani, quando lecionou no SESC, bem antes da Valéria fazer o vestibular para o curso de artes.



46 - A Prof.a Valéria Maia Soares Bittar e a autora no Congresso da CONFAEB em BH

Fomos ao Congresso e conversamos um pouco sobre o contato que Valéria teve com Irani, e algumas coisas que ela se lembrava. Mas como estávamos com muitas atividades e ela me comunicou que ia mudar para São Paulo no fim de ano, ficou de me enviar posteriormente por email o seu depoimento⁵¹.

⁵⁰ BITTAR, Valéria Maia Soares, Concepções e práticas de professores de artes visuais, Dissertação (Mestrado em Educação), Juiz de Fora, 2007. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=85358>.

⁵¹ Veja a correspondência eletrônica e o seu depoimento no Anexo 13, p. 82.

3.4 Repassando conhecimentos

O reconhecimento da **concepção da arte como conhecimento** é de vital importância para sedimentar o ensino de arte no Brasil, precisamos valorizar a contribuição daqueles que fizeram parte desta luta, buscando desenvolver a criatividade, o pensamento crítico, as habilidades artísticas de jovens e adultos que buscam na arte a realização de seu potencial criador. SILVA e ARAÚJO em seu estudo sobre Tendências e Concepções do Ensino de Arte na Educação Escolar Brasileira: Um Estudo a Partir da Trajetória Histórica e Sócio-Epistemológica na Arte/Educação dizem:

Ao contrário da concepção de ensino como técnica – que valoriza o produto artístico em detrimento do processo – e da concepção de ensino de arte como expressão – que supervaloriza o processo, dando pouca importância ao produto estético –, a concepção de arte como conhecimento vem buscando a valorização tanto do produto artístico como dos processos desencadeados no ensino de arte, trazendo para o contexto atual da Arte/Educação a idéia de arte como processo e produto, que vem sendo defendida por Barbosa (1975), desde a década de 1970. Na contemporaneidade, a concepção de ensino de arte como conhecimento vem sendo apontada pelos diferentes estudos, como a orientação mais adequada para o desenvolvimento do ensino de arte na educação escolar.

A maneira pela qual Irani repassou seus conhecimentos mostra sua preocupação não só com o produto realizado, mas também com o processo de ensino. Sua maneira de ensinar privilegiava principalmente a valorização do aluno e vê-se que buscou através do estímulo e do incentivo despertar neles o desejo de continuar, caminhando e lutando por seus sonhos.

Particpei destes encontros não como filha, mas como aluna que fui, já que ela me orientou em vários trabalhos que realizei. Percebe-se a importância da sua “paixão pela arte” e como ela colheu de seus alunos a admiração e o carinho cujos gestos eu presenciei nestes encontros. Sua emoção ficou evidente com toda a manifestação de afeto que recebeu, e ainda, tenho certeza que ela sentiu que “a arte tratada como um conhecimento, e não somente para liberar uma emoção pode oferecer educação cognitiva, e educação emocional” como diz Ana Mae⁵².

⁵² BARBOSA, Ana Mae, Arte, Educação e Cultura, Apostila da disciplina Cultura e Educação da Pós Graduação em Arte, Cultura e Educação / IAD – UJFJ. Disponível em:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após meses de pesquisa, buscando informações em *sites*, enviando emails para órgãos de comunicação, reunindo documentos e revistas antigas, percebi que a cidade de Três Rios carece de base de informações e que sua história precisa urgentemente ser escrita e documentada para que não se perca o trabalho de tantos artistas e profissionais da cidade.

Encontrei *sites* com informações falhas e incompletas, procurei fazer contatos e não obtive muitas respostas. Preocupo-me com a falta de atenção de vários profissionais ligados a cultura em relação a memória e a historia do município. Incomoda-me o fato de Três Rios não possuir ainda uma Lei de Incentivo Cultural, que é o caminho mais fácil para se trabalhar com a preservação e a divulgação do patrimônio artístico e cultural do município.

A maioria das informações que obtive foi com a própria artista e outros arquivos de meu acervo pessoal e de amigos. Nestes momentos a gente percebe a fragilidade do relato histórico, que se concentra nas mãos de algumas pessoas mais conscientes e preocupadas com sua “memória”, e que procuram salvar o pouco que resta desta história.

Acredito que no primeiro capítulo foi possível perceber que o trabalho que Irani desenvolveu em Três Rios é semelhante ao de outros artistas espalhados pelo Brasil afora, comprometidos com o ensino de Artes e preocupado em ampliar o número de pessoas atuando nesta área.

O relato de Ana Mae Barbosa sobre o ensino de Arte e a descrição que ela fez sobre a escultora Jeanne Milde foi também uma mostra de que a mulher artista também teve um papel importante no ensino de arte no Brasil, já que até então a maioria dos artistas de que tínhamos conhecimento eram homens.

O fato de perceber um pequeno número de mulheres atuando na Arte na década de 1960, nos permite situar Irani numa posição de pioneirismo em relação ao ensino de Arte, pois era raro na época uma senhora, mãe de seis filhos, dar aulas em casa e viajar pelos arredores com suas bolsas repletas de materiais artísticos e

telas para ensinar desenho e pintura em comunidades pequenas mas, interessadas em aprender.

Entendo que o segundo capítulo possibilitou relatar um pouco mais a história e a dedicação que Irani tinha ao seu trabalho como arte-educadora, pois sua luta não era só pela sobrevivência, mas também pela vontade de divulgar a Arte onde fosse preciso. Nas aulas em sua casa ou nas localidades para onde se locomovia para ensinar, Irani sempre contou com a ajuda de suas filhas e de amigas que compactuavam da mesma dedicação à Arte. Mesmo com os problemas de saúde que adquiriu no contato com tintas e materiais com alta toxicidade, Irani não se afastou de sua paixão pela pintura, mostrando mais uma vez que a arte é essencial para sua vida e como ela mesma diz, constantemente, “se eu parar de pintar eu morro”.

Terminei o terceiro capítulo com uma sensação de missão cumprida. É lógico que teria muito mais para pesquisar e mostrar, mas, acredito que, os depoimentos e comentários que obtive, demonstrou sem dúvida a cumplicidade que Irani teve com seus alunos em relação à criação artística. A liberdade de buscar soluções, analisar efeitos e pesquisar materiais diversos possibilitou aos seus alunos exercitarem seu lado crítico e também colocar em prática a ousadia na hora de criar.

Percebi desde o início que não poderia deixar de promover alguns encontros com seus ex-alunos e os depoimentos que obtive são uma amostra de quanto ela se envolveu com o ensino de arte e como era atenciosa com cada um deles. A sua lista de alunos está incompleta, pois depois de tantos anos, muitas fichas e dados se perderam e em alguns momentos tinha tantos afazeres que não se preocupava muito em preenchê-las, mas com a ajuda de suas filhas e de alguns ex-alunos acredito que consegui refazer um pouco desta “colcha de retalhos” que representa a sua história e a coloca na história do ensino de arte no Brasil como mais uma peça, entre tantas que souberam muito bem cumprir a sua parte.

Citando Bento (*Apud Ambroise Vollard*), que no capítulo **Uma conversa em Veneza** do livro *Manet no Brasil*, reproduz uma conversa de Charles Toché elogiando o quadro de Manet *Les Pieux Du Grand Canal* sobre a atmosfera veneziana do quadro e ouviu de Manet a seguinte confissão:

[...] - Não foi na escola que aprendi a construir um quadro. No dia mesmo de minha entrada no curso de Couture, deram-me para

copiar a tela dum mestre antigo. Apesar de revirá-la em todos os sentidos, Manet não encontrou interesse na composição nem, por sua vez, no trabalho de cópia que lhe mandaram fazer, tendo acrescentado:

- Em breve, após duas ou três tentativas, desisti de procurar qualquer coisa na arte antiga.

Em seguida à observação, o pintor ajuntaria:

- Mas, aprendi muito durante minha viagem ao Brasil. Quantas noites passei olhando na esteira do navio os jogos de sombra e de luz! Durante o dia, na parte superior, eu não tirava os olhos da linha do horizonte. Eis o que me revelou a maneira de traçar um céu⁵³.

Quando comecei minha pesquisa só encontramos a primeira página com a dedicatória do livro de Bento, sobre a viagem de Manet ao Brasil, mas no final do ano, quando organizava alguns documentos encontrei o livro de Irani. Nem lembrava que estava comigo, mas comecei a ler até que encontrei o trecho que citei acima e que me lembrou de sua fala: “A minha arte veio através do olhar e, nossa maior mestra é a natureza”. Enfim, independente de estilos, teorias e processos desses artistas a arte do encontro que transformou suas vidas se deu através da natureza.

Espero que esta pesquisa possa servir de exemplo para outros jovens sonhadores em busca da aventura e da paixão que a arte proporciona, alimentando seus dias e iluminando sua vida.

⁵³ BENTO, Antonio, *Apud Ambroise Vollard. Souvenirs d'un Marchand de Tableaux, Éditions Albin Michel, Paris, pág. 177.*